

O cajado e a vara: o pontificado de papa Francisco



» GIDALTI GUEDES DA SILVA

Professor doutor e coordenador dos cursos de teologia e filosofia na Universidade Católica de Brasília (UCB)

Nascido em 1936, em Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio ingressou na Ordem dos Jesuítas aos 22 anos, iniciando seus estudos em filosofia (na Argentina) e em teologia (no Chile). Em 1958, recebeu a Ordenação Sacerdotal, seguindo uma história proeminente de serviços eclesiais. Foi provincial dos jesuítas na Argentina (1973-1979), bispo auxiliar de Buenos Aires (1992), arcebispo de Buenos Aires (1998-2013) e foi nomeado cardeal em 2001.

Em 2013, após a renúncia do papa Bento XVI (Joseph Ratzinger), o cardeal Jorge Mario Bergoglio foi eleito papa, tornando-se o primeiro pontífice das Américas e o primeiro jesuíta. Enquanto papa, Bergoglio assumiu o nome de Francisco (em homenagem a São Francisco de Assis). Seu pontificado foi marcado profundamente pela busca da simplicidade e de uma liderança servidora. E ontem, 21 de abril de 2025, ele encerrou sua jornada de vida, após ter combatido o bom combate, concluído a corrida e guardado a fé.

Para compreendermos as marcas históricas deixadas pelo ministério do papa Francisco, recorremos a dois objetos utilizados pelos pastores de ovelhas nos textos bíblicos: o cajado e a vara. No cuidado do rebanho, o cajado era utilizado para resgatar

ovelhas feridas, oferecendo acolhimento, cuidado e misericórdia.

Em seu último sermão, Francisco afirmou: “Cristo ressuscitou! Neste anúncio, encerra-se todo o sentido da nossa existência, que não foi feita para a morte, mas para a vida. A Páscoa é a festa da vida! Deus criou-nos para a vida e quer que a humanidade ressurgir! Aos seus olhos, todas as vidas são preciosas! Tanto a da criança no ventre da mãe, como a do idoso ou a do doente, considerados como pessoas a descartar num número cada vez maior de países”.

Essas palavras anunciam o desejo de que o Evangelho de Cristo seja assumido pelos cristãos em seus corações e nas suas atitudes. Francisco relembrou a Igreja e as nações de sua responsabilidade com os que sofrem, como todos que são excluídos e oprimidos. Por isso, enfatizou o compromisso de Jesus com os pobres, os famintos, os imigrantes, com aqueles que enfrentaram separação matrimonial, com as pessoas vítimas de abusos sexuais. Ele também visitou os presos, dando testemunho de sua fé no poder do Evangelho de resgatar vidas. Sem dúvida, essa foi uma ênfase no pontificado de Francisco.

Porém, além de fazer uso do cajado, da misericórdia, em seu ministério, papa Francisco fez uso da vara. Na prática dos antigos pastores de ovelhas, a vara era utilizada para corrigir as ovelhas que buscavam seguir caminhos tortuosos, reconduzindo-as ao aprisco. Além disso, era comum que a vara servisse para defender as ovelhas de predadores e espantar animais peçonhentos. Podemos concluir que o uso da vara significa a presença da disciplina e do rigor com os ensinamentos do Evangelho no cuidado pastoral dos cristãos, bem

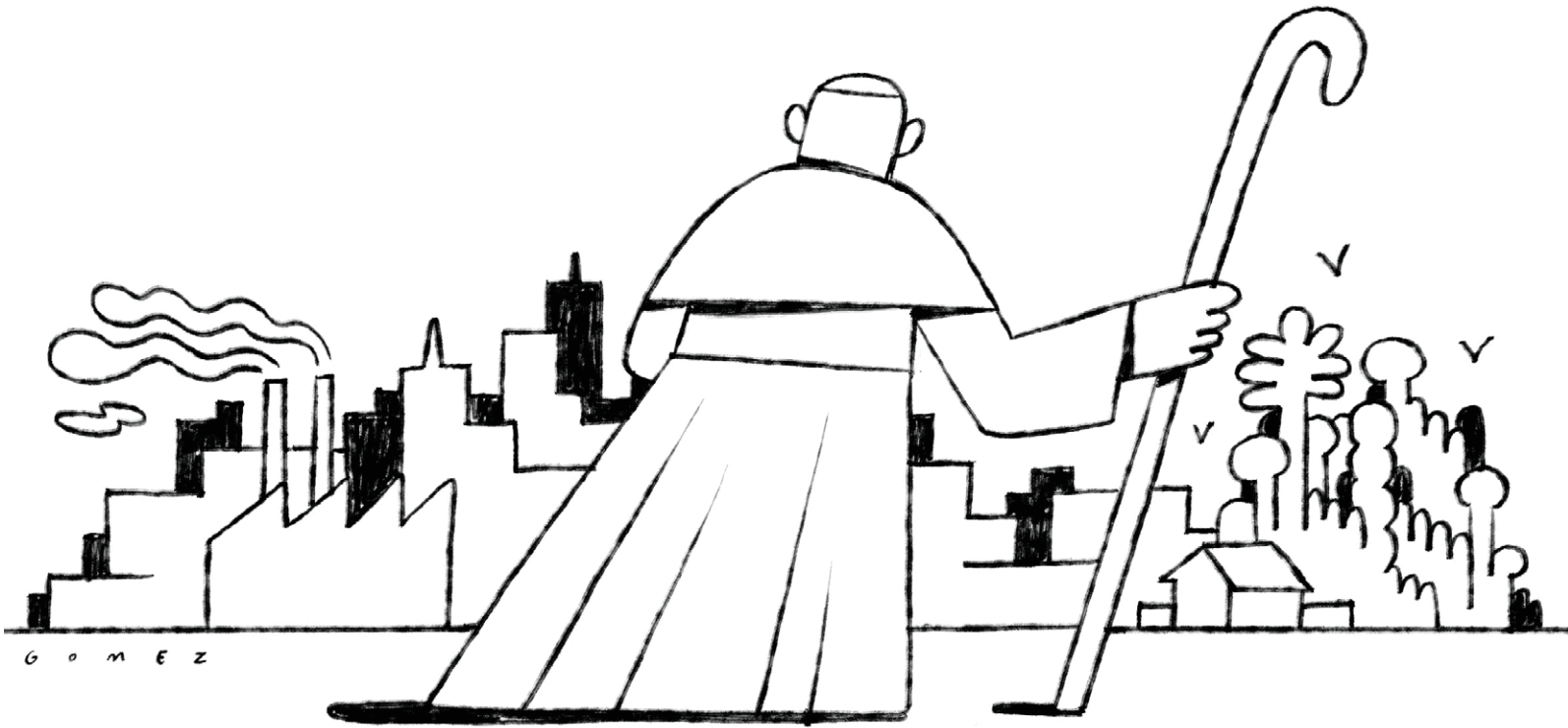
como significa o anúncio de uma palavra profética para despertar o conjunto da sociedade.

Nessa segunda ênfase de seu ministério, Francisco agiu com maior rigor diante de escândalos morais e da corrupção dentro da Igreja, contestou as injustiças cometidas na sociedade global, denunciou as políticas econômicas e as guerras, que geram morte e sofrimento a milhares de pessoas.

Nesse ponto, retomamos as palavras de seu último pronunciamento: “Quanto desejo de morte vemos todos os dias em tantos conflitos que ocorrem em diferentes partes do mundo! Quanta violência vemos com frequência também nas famílias, dirigida contra as mulheres ou as crianças! Quanto desprezo se sente, por vezes, em relação aos mais fracos, marginalizados e migrantes”!

O uso da vara e do cajado marcaram o pontificado do papa Francisco, deixando um legado histórico para os cristãos no século 21. Entretanto, essa ousadia de acolher e de contestar os rumos do mundo atual nem sempre foi bem compreendida. Pelo contrário, o pontificado de Francisco recebeu duras críticas, perseguições e falas ofensivas, proferidas por pessoas que não compreendem as implicações pessoais, sociais e ecológicas do Evangelho.

Para encerrar, trazemos as palavras do professor doutor irmão Paulo Fossatti. Para ele, papa Francisco foi um “pastor incansável, homem de fé e construtor de pontes, que dedicou sua vida com intenso compromisso ao serviço do Evangelho, ao cuidado dos mais pobres e marginalizados, à promoção da paz e à defesa da Casa Comum”. Quem tem ouvidos ouça!



A Igreja depois de Francisco



» JOSÉ MANUEL DIOGO

Escritor, cronista, consultor internacional e produtor cultural

O mundo em que o papa Francisco foi eleito já parece um século distante. Era 2013. Ainda se falava em globalização com esperança, o Twitter era um passatempo e o Ocidente ainda acreditava na sua centralidade. Doze anos depois, o mundo virou uma praça desordenada, onde a tecnologia anda mais rápido que a ética, a guerra voltou a ser banal e a verdade virou uma moeda inflacionada. O papa que ousou colocar os pobres no centro da Igreja, que pediu misericórdia em vez de condenação, que falou de clima, de migração, de abusos e de ternura, agora parte — e deixa a pergunta no ar: que Igreja será a Igreja depois de Francisco?

O conclave de 2025 não escolherá apenas um homem. Escolherá uma direção espiritual para o século 21. E nunca os desafios foram tão espessos. A Igreja perde espaço no Ocidente, cresce em zonas do mundo onde a institucionalidade é frágil e tenta caminhar sobre fios de arame: entre tradição e renovação, entre a liturgia e o TikTok, entre os anseios dos fiéis e o peso da Cúria. Em outras palavras: o novo papa precisará mais do que rezar. Ele precisará escutar, pensar, abraçar e — talvez o mais difícil — decidir.

Os nomes que circulam nos corredores da *Domus Sanctae Marthae* são mais do que perfis; são futuros em disputa. Pietro Parolin, diplomata-mor do Vaticano, representa a continuidade institucional, o equilíbrio, a gestão comedida. Matteo Zuppi, de Bolonha, é um reformador com sorriso leve e palavras fortes — traduz Francisco para os jovens das periferias. Luis Antonio Tagle, filipino, carrega a força do cristianismo asiático e uma habilidade pastoral rara: fala com todos sem perder o centro. Peter Turkson, de Gana, traria a África ao centro do altar, com a força simbólica de uma reparação histórica.

Dois cardeais de língua portuguesa também não espantariam como escolha. O português José Tolentino de Mendonça encarna o espírito do tempo. Teólogo, poeta, homem do diálogo entre fé e cultura, Tolentino seria o papa da escuta profunda, da beleza como linguagem teológica, da delicadeza como revolução. Ele representa uma Igreja menos assustada com o mundo e mais interessada em compreendê-lo.

O brasileiro entre os nomes possíveis é Dom Sérgio da Rocha, hoje primaz do Brasil, representa a sobriedade pastoral, o equilíbrio teológico e uma capacidade rara de ouvir sem ceder ao ruído. Um papa brasileiro seria, ao mesmo tempo, um gesto simbólico e uma aposta realista. O Brasil é ainda o maior país católico do mundo, e um papa vindo do seu interior profundo marcaria uma virada: a Igreja que fala desde o Sul, mas para o planeta.

O próximo pontífice enfrentará um mundo assombrado por crises sobrepostas: climática, democrática, existencial. A inteligência artificial

mudará a forma como nos relacionamos com o saber e com o outro; as guerras e migrações seguirão testando os limites da compaixão; o crescimento de fundamentalismos e a cultura do cancelamento tornarão o espaço do diálogo ainda mais estreito.

A Igreja terá de decidir se quer ser apenas um santuário para os fiéis ou uma tenda para todos os que procuram sentido, inclusive os céticos, os feridos, os que perderam a fé. Terá também de aprender a lidar com o fato de que não é mais a principal voz sobre o sentido da vida, mas pode continuar sendo uma das mais escutadas, se souber como falar.

Cada escolha trará consequências. Um papa italiano poderá significar a tentativa de recompor uma centralidade perdida. Um papa africano ou asiático apontará para o futuro plural da fé. Um papa latino-americano — ou mesmo português — poderá ser o último gesto de esperança de uma Europa em busca de sentido. A questão central é: a Igreja vai optar por se proteger do mundo ou por caminhar com ele?

Francisco deixou um mapa. Nem sempre claro, nem sempre seguido. Mas abriu portas, moveu estruturas, desafiou os comodismos. A Igreja que virá depois dele não poderá fingir que nada aconteceu. E tampouco poderá se contentar em manter as janelas abertas — será preciso atravessar a rua, encontrar quem ficou do lado de fora e começar de novo.

Porque, no fundo, essa sempre foi a vocação cristã: não proteger o sagrado, mas encarnar o amor. Mesmo — e sobretudo — quando o mundo já não acredita mais nisso.

Papa Francisco: uma voz profética pela justiça e pela paz



» JOSÉ GERALDO DE SOUSA JUNIOR

Professor emérito, ex-reitor da UnB, membro da Comissão Justiça e Paz de Brasília

Durante todo o apostolado, a voz do papa Francisco tocou expectativas civilizatórias que nos desafiam. Numa quadra dramática de interpelação a um paradigma civilizatório, essa voz alcança a boa vontade que, em nossos mistérios, nos convoca para superar a tempestade que desaba sobre o mundo, limpar, disse ele, “a maquiagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso eu sempre preocupado com a própria imagem; (e deixar) a descoberto, uma vez mais, aquela (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos”.

Esse o diapasão de sua exortação, quem não lembra da cena, em seu exemplar distanciamento social na grande Praça de São Pedro totalmente vazia, do papa sozinho, mancando, na chuva, no silêncio do isolamento sanitário, no momento da *Statio Orbis* de 27 de março de 2020, com o mundo fechado dentro de casa, a humanidade aflita, mas com o papa profetizando a esperança e a fraternidade? “Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados, mas ao mesmo tempo todos chamados a remar juntos.”

Não é possível, neste curto espaço, traçar o amplo panorama de incidências do profetismo do papa Francisco. Limito-me a buscar, no seu esforço pedagógico, os fundamentos que orientam seu protagonismo. Ponho em relevo as encíclicas e as exortações apostólicas, porque elas formam um repositório de fundamentos para o discernir e o agir não só da Igreja, mas para os que têm boa vontade.

Foram quatro encíclicas: a primeira, *Lumen Fidei*, sobre o tema da fé, a quatro mãos com Bento XVI; depois, *Laudato si'*, um grito para invocar uma “mudança de rumo” para a “casa comum”, em crise pelas mudanças climáticas e pela exploração excessiva, e para estimular ações para erradicar a miséria e para o acesso equitativo aos recursos do planeta. Depois, a *Fratelli Tutti*, o eixo fundamental do Magistério, fruto do *Documento de Abu Dhabi*, profecia — antes da deflagração de novas guerras — da fraternidade como o único caminho para o futuro da humanidade. Por fim, a *Dilexit Nos*, para repercorrer a tradição e a atualidade do pensamento “sobre o amor humano e divino do coração de Jesus” e lançar uma mensagem a um mundo que parece ter perdido seu coração.

São sete exortações apostólicas: desde a *Evangelii Gaudium* até *C'est la confiance*, para o 150º aniversário do nascimento de Teresa do Menino Jesus. Entre elas, as exortações pós-sinodais — *Amoris Laetitia* (sínodo sobre a família), *Christus Vivit* (sínodo sobre os jovens), *Querida Amazonia* (sínodo para a região pan-amazônica), *Gaudete et Exsultate* (sobre o chamado à santidade no mundo contemporâneo); e *Laudate Deum* (uma sequência da *Laudato si'* para completar seu apelo para reagir pela Mãe Terra antes de um “ponto de ruptura”).

O que mostram esses ensinamentos é que, para o papa Francisco — combinando contemplação, sim, como está em suas principais encíclicas e exortações, mas contemplação na ação, realizando-as em proposições sobre o que se pode construir a partir do agora, mas em conjunto, em comunidade, como povo de Deus, numa renovada louvação do cântico do irmão Sol —, não se demite da exigência da missionariedade e da proximidade para o anúncio do Evangelho.

Ser missionário, como seus gestos demonstram, é estar ao nível do outro, olhar nos olhos, falar em condições de igualdade de uma boa nova que, talvez, possa ser efetivamente boa para seu ouvinte. Essa é, de fato, a “nova evangelização” esperada, que se representa por uma Igreja em saída que possa realmente “primeirar” (tomar iniciativa) nas “periferias existenciais e sociais”, anunciando esperança, caridade e misericórdia de Deus.

A paz e os direitos humanos foram o objetivo constante de sua mensagem entre nós. *Retiro da Fratelli Tutti*. *Sobre a fraternidade e a amizade social*, a orientação para a sua agenda de diálogo com os movimentos populares e as instituições internacionais. Nesse contexto, Francisco fala tanto dos movimentos populares quanto das instituições internacionais. Parecem dois níveis opostos e divergentes de organização, mas, no fim, são convergentes na sua virtuosidade, pois valorizam o local, os primeiros, e global, os segundos, e sempre sob a insígnia do multilateralismo.

Os movimentos populares “reúnem desempregados, trabalhadores precários e informais e tantos outros que não entram facilmente nos canais já estabelecidos”. Com esses movimentos, supera-se “a ideia das políticas sociais concebidas como uma política para os pobres, mas nunca com os pobres, nunca dos pobres, e muito menos inserida num projeto que reúna os povos”.

Papa Francisco é uma voz que não se cala. Como disse frei Guilherme Anselmo Jr, “Deus confirmou a sua páscoa na Páscoa na Igreja”. Assim, o papa Francisco travou o bom combate, terminou a carreira, conservou a sua fé. Mas a sua voz profética, pela justiça e pela paz, não se cala com a sua páscoa, continua a ecoar reverberando no sentimento profundo que nos faz humanos.